
ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

ARTIGO

Líber, Augusto e Marco Antônio

Liber, Augustus and Mark Antony

Lya Serignolli ⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-7668-255X>

lya.serignolli@usp.br

ⁱ Universidade de São Paulo – São Paulo – SP – Brasil

Serignolli, L. 2024. Líber, Augusto e Marco Antônio. *Archai* 34, e03417.

Resumo: A *libertas* era uma questão fundamental na política romana, ligada aos primórdios da República; e Líber era uma divindade que correspondia a esse aspecto sob as mais diversas perspectivas. Líber e *libertas*, especialmente a política, estavam arraigados à mente romana, e as lideranças políticas achavam interessante estabelecer essa ligação. Entre as décadas de 40 e 30 a.C., vários líderes políticos adotaram divindades como patronos e modelos. No contexto da guerra civil, a disputa pelo poder era apresentada na poesia como um

confronto entre modelos divinos. Este artigo investiga o papel de Baco como modelo divino para líderes políticos em Horácio, tendo em vista suas associações com Augusto e Marco Antônio/Cleópatra. Meu objetivo é demonstrar como Horácio, aproveitando-se do caráter paradoxal do deus, contribui para a assimilação de Líber ao repertório augustano em um momento de profundas transformações políticas em Roma.

Palavras-chave: Líber, Augusto, Marco Antônio, Modelos divinos, Poesia augustana, Horácio.

Abstract: Libertas was an essential issue in Roman politics, connected to the beginnings of the Republic; and Liber was a divinity that corresponded to this aspect from different perspectives. Liber and libertas, especially in politics, were deeply rooted in the Roman mind, and political leaders found it interesting to establish this connection. Between the forties and the thirties BC, several political leaders adopted divinities as patrons and models. In the context of civil war, the struggle for power was presented in poetry as a confrontation between divine models. This article investigates the role of Bacchus as a divine model for political leaders in Horace, focusing on his associations with Augustus and Mark Antony/Cleopatra. My aim is to show how Horace, taking advantage of the god's paradoxical character, contributes to the assimilation of Liber to the Augustan repertoire in a moment of profound political transformations in Rome.

Keywords: Liber, Augustus, Mark Antony, Divine models, Augustan poetry, Horace.

Introdução

A *libertas* era uma questão fundamental na política romana, ligada aos primórdios da República, e Líber era uma divindade que

correspondia a esse aspecto sob as mais diversas perspectivas.¹ O papel de Líber como libertador é tão antigo em Roma que se confunde com as lendas dos fundadores da República, que foram chamados libertadores por sua atuação na expulsão dos reis. Líber e *libertas*, especialmente a política, estavam arraigados à mente romana, e as lideranças políticas achavam interessante estabelecer essa ligação.

Quando Otaviano venceu a batalha de Ácio (31 a.C.), o uso político de deuses não era algo novo em Roma e ganhou força como resultado da divinização de Júlio César, que, como membro da *gens Iulia*, clamava ser descendente de Vênus. Por volta do final dos anos 40 e ao longo da década de 30 a.C., vários líderes políticos adotaram divindades como patronos e modelos. Sexto Pompeu, com sua potente frota naval, tinha Netuno, deus dos mares, como divindade tutelar. Marco Antônio identificava-se com Hércules e Dioniso, seguindo tradições das monarquias helenísticas. Otaviano, por sua vez, especialmente na primeira fase de sua carreira política, tinha preferência por Apolo, o jovem deus da luz, da ordem e da racionalidade; porém Dioniso era um modelo interessante por sua associação com Alexandre, o Grande (como símbolo da conquista do Oriente), e por seu papel como deus itálico da vegetação e do vinho, Líber *Pater*, ligado aos antigos valores republicanos.²

¹ Este estudo – parte de minha pesquisa de doutorado (*Baco, o Simpósio e o Poeta*, FFLCH-USP, 2017) – foi apresentado, em versão prévia, na conferência *Commemorating Augustus. A bimillennial re-evaluation* (2014), em Leeds (UK). Agradeço aos participantes e à organizadora do evento, Dr. Penelope Goodman (University of Leeds), pela oportunidade; aos meus orientadores e supervisores de doutorado no Brasil e no exterior, Profs. Paulo Martins (USP), William Fitzgerald (KCL) e Andrew Feldherr (Princeton); ao grupo de pesquisa Imagens da Antiguidade Clássica (USP); ao *Department of Coins and Medals* do *The British Museum* por fornecer as imagens e autorizar a visita técnica para a pesquisa sobre as moedas; e à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo apoio financeiro para realizar a pesquisa no Brasil e no exterior. Estendo meus agradecimentos aos pareceristas anônimos da *Archai* pelas sugestões para o aperfeiçoamento do texto.

² Para a adoção de modelos divinos por líderes políticos em Roma, cf. Cucchiarelli (2011a), (2011b). Para Líber, Augusto e Marco Antônio em Ácio, cf. Castriota (1995); em Hor., C. 2.19 e 3.25, cf.: Harrison (2019, p. 231-252), (2017, p. 224-

Este artigo investiga o papel de Baco como modelo divino para líderes políticos em Horácio, tendo em vista suas associações com Augusto e Marco Antônio/Cleópatra. O objetivo é demonstrar como Horácio, aproveitando-se do caráter paradoxal do deus, contribui para a assimilação de Líber ao repertório augustano em um momento de profundas transformações políticas em Roma.

1. Líber como modelo divino

Segundo Andrea Cucchiarelli (2011a, p. 231-232), a adoção de modelos divinos em Roma constituiu-se como uma linguagem cultural ativa e reconhecível em diversos níveis da comunicação social e política, da poesia à iconografia de moedas e estátuas. O modelo heroico divino, de origem grega, encontrou terreno fértil em Roma como um elemento de identificação e adesão política, ligando-se ao culto romano dos benfeitores. Era comum em textos filosóficos associar os dons e benfeitorias dos deuses a diferentes origens e genealogias. Cícero, no *De Natura Deorum*, em diálogo com o estoico Balbo, apresenta dois Líberes:³

(2.62.5) Suscepit autem vita hominum consuetudoque communis ut beneficiis excellentis viros in caelum fama ac voluntate tollerent. hinc Hercules hinc Castor et Pollux hinc Aesculapius hinc Liber etiam (hunc dico Liberum Semela natum, non eum quem nostri maiores auguste (2.62.10) sancteque Liberum cum Cerere et Libera consecraverunt, quod quale sit ex mysteriis intellegi potest; sed quod ex nobis natos liberos appellamus, idcirco Cerere nati nominati sunt Liber et Libera, quod in Libera servant, in Libero non item) – hinc etiam Romulum, quem (2.62.15) quidam eundem esse Quirinum putant. quorum cum

225); Lowrie (1997, p. 317-325); em Hor., *Epod.* 9 e *C.* 1.37, cf.: Giusti (2016); Feldherr (2010, p. 223-232). Para Baco e Augusto em Virgílio, cf. Mac Góráin (2013), (2014). Para Augusto e Netuno, cf. Martins (2021, p. 175-193); Augusto e Apolo, cf.: Miller (2009); Martins (2021, p. 275-289).

³ Para os heróis deificados e o culto dos benfeitores romanos, ver também: Cic., *Leg.* 2.19; Hor., *Epist.* 2.1.1-17; *C.* 3.3.1-16; Brink (2011, p. 39-42); Mayor (2009, p. 166-169).

remanent animi atque aeternitate fruenter, rite di sunt habiti, cum et optimi essent et aeterni. (N. D. 2.62)

(2.62.5) Mas a vida dos homens e o costume comum tornaram prática conceder a deificação de renome e gratidão a homens excelentes por suas benfeitorias. Daí Hércules, daí Castor e Pólux, daí Esculápio e mesmo Líber (refiro-me ao Líber nascido de Sêmele, e não àquele Líber a quem nossos ancestrais solene (2.62.10) e religiosamente consagraram com Ceres e Líbera, cuja natureza pode ser conhecida através dos mistérios. E porque chamamos nossos filhos *liberi*, os filhos de Ceres foram chamados Líber e Líbera – tal associação remanesceu para Líbera, mas não para Líber);⁴ daí também Rômulo, (2.62.15) que alguns pensam ser o mesmo que Quirino. Esses foram devidamente considerados como deuses, por serem ótimos e eternos, pois seus espíritos subsistiram e desfrutaram da eternidade.⁵

Cada um deles liga-se a um aspecto de seu caráter civilizatório: o Líber filho de Ceres e irmão de Líbera associa-se aos ritos ancestrais itálicos (culto do Aventino); e o filho de Júpiter e Sêmele, à figura do herói deificado, como Quirino, Rômulo e Hércules, que Cícero descreve como benfeitores, homens excelentes e eternos.

Cícero inclui Líber (filho de Júpiter e Sêmele: *Liber, Semela natus*) em um catálogo de heróis deificados, na maioria de origem grega (com exceção de Rômulo e Quirino), como Hércules, os Dióscuros e Esculápio, com nomes romanizados (*Hercules, Aesculapius, Castor e Pollux*). Na cultura grega, tais figuras eram reverenciadas no culto do herói (*heros*), cuja ação civilizatória consistia em fundar cidades ou socorrer em momentos de guerra e crise. Pródico de Céos (sofista, 465-395 a.C.) talvez tenha sido primeiro a fazer das lendas dos heróis um apólogo moral,

⁴ Nessa passagem de interpretação controversa, talvez possamos entender que Líbera fosse normalmente lembrada como filha de Ceres, diferentemente de Líber, mais lembrado por outras associações; ou então que Líbera, entre os gregos, tem um nome equivalente a filha (Koré), mas Líber não; cf. Mayor (2010, p. 168).

⁵ Todas as traduções neste artigo são de minha autoria.

apresentando Hércules como modelo de virtude (areté).⁶ O rito dedicado ao *heros* teria surgido, segundo esse autor (Pródico fr. 5 Diels–Kranz), porque os homens adoravam tudo que os beneficiava, primeiro as forças da natureza e depois os homens de valor.⁷ Um exemplo do culto dos heróis na Grécia é o de Brásidas (general espartano que participou da guerra do Peloponeso, comparado a Aquiles por Platão; cf.: Pl., *Symp.* 221c; Tuc. 4.70-73), para quem, após a morte (422 a.C.), eram oferecidos sacrifícios anuais em Anfípolis. Cícero usa a noção grega de herói, mas não fala em heroização, e sim em homens excelentes (*excellentes viri*), que, por suas benfeitorias (*beneficiis*), são considerados como deuses após a morte, segundo os costumes dos antepassados (*consuetudo communis*). Um elemento essencial desse culto é a *voluntas*, a gratidão popular a esses benfeitores por sua ação civilizatória.

Como herói deificado, Líber é um caso à parte. Em Roma, no plano político, Líber representava a *libertas* como qualidade fundamental da República.⁸ Como símbolo de *libertas*, Líber era associado a Dioniso *Eleuthereos* (o libertador), celebrado nas Grandes Dionísias, alinhando cronologicamente a lenda da fundação da República Romana (com a queda e expulsão dos Tarquínios em 509 a.C.) à libertação de Atenas dos tiranos písístradas (510 a.C.), quando Hípias foi destituído pelo rei espartano Cleômenes e sucedido pelo alcmeónida Clístenes (508 a.C.). Lúcio Júnio Bruto era chamado libertador (*liberator*) por ter liderado a expulsão de Tarquínio, o Soberbo, em 509 a.C., sendo considerado o primeiro cônsul da recém-fundada República. Sua figura simbolizava a libertação da tirania e a introdução de um novo sistema político em Roma.⁹ Nem mesmo a adoção de Dioniso como patrono por Mitridates VI Eupator,

⁶ Para Pródico de Céos e o culto de heróis gregos como Hércules, cf.: Xenofonte, *Memor.* 2.1.21-34; Mayor (2010, p. 176-177).

⁷ Sobre o fr. 5 Diels–Kranz de Pródico, cf. Hunter (2006, p. 74-77).

⁸ Sobre os aspectos políticos e sociais da *libertas* romana, cf.: Fantham (2005); Wiseman (2008, p. 136-139).

⁹ Para o caráter civilizador de Líber, cf.: Fabre-Serris (2009); Wiseman (1998, p. 84-139).

do Ponto (132-63 a.C.), forte adversário dos romanos na Ásia Menor, foi suficiente para abalar esse apelo. Esse rei adotou o sobrenome Dionisos por volta de 102-101 a.C., e à época do confronto com os romanos (90-89 a.C.) passou a identificar-se como o jovem Dioniso.¹⁰

O busto de Líber jovem começa a figurar em moedas romanas no início do século I a.C. Entre as décadas de 90 e 70 a.C., foram emitidos denários com a figura de Líber (**fig. 1**), parte deles comissionados pelos Cássios, uma família que defendia os interesses dos plebeus, ligada ao culto do deus na tríade aventina:



Fig. 1. Denário. Líber e Líbera. 78 a.C.¹¹

Essas moedas simbolizam o apoio das classes populares a Roma. Cerca de vinte anos mais tarde, são emitidas em Roma novas moedas com o busto de Líber: em 48 a.C., com Ceres no reverso;¹² e em 42

¹⁰ Sobre a associação entre Dioniso e Mitridates VI Eupator, cf. Castriota (1995, p. 92).

¹¹ Tipo de objeto: moeda (denário). Descrição: Líber e Líbera. Anverso: busto de Líber (direita) usando uma guirlanda de hera e com o tirso apoiado no ombro. Borda de pontos. Reverso: busto de Líbera (esquerda) usando uma guirlanda de folhas videira. Borda de pontos. Inscrições (latim): anverso: L·CASSI·Q·F. Cultura: República Romana. Data: 78 a.C. Emissor: L. Cassius Longinus. Cunhada em: Roma. Material: prata. Peso: 4 g. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: R.8504. C&M Catalogue number: RR1 (387) (3153) (387). Foto: The British Museum (cortesia). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_R-8504

¹² Tipo de objeto: moeda (denário). Descrição: Líber e Ceres. Anverso: busto de Líber (direita) usando guirlanda de hera. Reverso: Ceres em uma biga de serpentes (direita), segurando uma tocha em cada mão. Inscrições (latim): anverso:

a.C., com um altar com símbolos dionisiacos (tirso, pantera e guirlanda) no reverso (**fig. 2**):



Fig. 2. Denário. Líber e altar com felino. 42 a.C. ¹³

Em 39 a.C., Marco Antônio emite cistóforos (**fig. 3**) em Éfeso com seu busto e o de Otávia (na época, sua esposa); e com Dioniso, no reverso, sobre a cista mística, segurando um cálice e um tirso. Duas serpentes entrelaçadas emolduram a figura:



M·VOLTEI·M·F. Data: 78 a.C. Emissor: M. Volteius. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: 1902,0503.171.

Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1902-0503-171

¹³ Tipo de objeto: moeda (denário). Descrição: Líber e altar com felino. Anverso: busto de Líber (direita) usando uma guirlanda de hera. Borda de pontos. Reverso: altar adornado com guirlanda, sobre o qual jaz uma máscara e no qual se apoia um tirso. Uma pantera (direita) salta em direção ao altar. Borda de pontos. Inscrições (latim): reverso: VARVS; C·VIBIVS. Cultura: República Romana. Data: 42 a.C. Emissor: C. Vibius Varus. Cunhada em: Roma (cidade). Material: prata. Peso: 4,12 g. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: R.9218. C&M Catalogue number: RR1 (589) (4295) (589). Foto: The British Museum (cortesia). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_R-9218

Fig. 3. Cistóforo. Dioniso, Marco Antônio e Otávia. 39 a.C.¹⁴

Baco havia sido adotado por Marco Antônio como modelo pelo menos desde 41 a.C., data de seu triunfo em Éfeso, quando proclamou ser o Novo Dioniso. Posar como Dioniso era uma indicação de poder monárquico, e marcou Marco Antônio no Oriente como sucessor de reis helenísticos, que clamavam ascendência divina desse deus.¹⁵

Por outro lado, Marco Antônio era desacreditado por seu gosto pelo vinho, sendo acusado de intemperança com a bebida (*intemperantia bibendi*). Plínio, o Velho, faz menção a uma obra atribuída a Marco Antônio, sobre a sua ebriedade (*de sua ebrietate*), que ele pode ter escrito (Plínio diz que ele “vomitou” esse texto: *evomit*) com a intenção de defender-se dessas acusações, ou então para atacar adversários políticos:¹⁶

sed nimirum hanc gloriam auferre Cicero voluit
interfectori patris sui (14.148.1) M. Antonio. is enim
ante eum avidissime adprehenderat hanc palmam

¹⁴ Tipo de objeto: moeda (tridracma; cistóforo). Descrição: Dioniso, Marco Antônio e Otávia. Anverso: bustos de Marco Antônio e Otávia (direita) juntos. Reverso: Dioniso (esquerda), sobre uma cista mística entre duas serpentes entrelaçadas, segurando uma taça e apoiando-se no tirso. Incrições (latim): anverso: M ANTONIVS IMP COS DESIG ITER ET TERT (*Marcus Antonius Imperator Consul Designatus Iterum Tertium*. “Imperador Marco Antônio, designado cônsul pela terceira vez”); reverso: III VIR R P C. (*Triumviri Rei Publicae Constituendae*. “Triunvirato para a Restauração da República”) Cultura: Roma Provincial. Data: 39 a.C. Autoridade: Marco Antônio. Cunhada em: Éfeso (província romana). Material: prata. Peso: 11,04 g. Diâmetro: 25 mm. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: G.2206. C&M Catalogue number: RR2 (503) (136) (503). Foto: The British Museum (cortesia). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_G-2206

¹⁵ Para Marco Antônio como Dioniso, cf.: Plut., Vit. Ant. 24 e 60; Dio Cass. 50.5.3; Sen., Suas. 1.6: Nam cum Antonius vellet se Liberum patrem dici et hoc nomen statuis <suis> subscribi iuberet, habitu quoque et comitatu Liberum imitaretur, occurrerunt venienti ei Athenienses cum coniugibus et liberis et Διόνυσον salutaverunt. “Pois, como Antônio queria ser chamado Líber Pater e ordenara que esse título fosse inscrito em suas estátuas – ele também imitava Líber no traje e no séquito –, os atenienses, com seus cônjuges e filhos, foram ao seu encontro na sua chegada e o saudaram como Dioniso.”

¹⁶ Sobre o livro de Marco Antônio, cf. Scott (1929).

edito etiam volumine de sua ebrietate, quo patrocinari sibi ausus adprobavit plane, ut equidem arbitrator, quanta mala per temulentiam terrarum orbi intulisset. (14.148.5) exiguo tempore ante proelium Actiacum id volumen evomuit, quo facile intellegatur ebrius iam sanguine civium et tanto magis eum sitiens. (*H. N.* 14.147-148)

Mas, sem dúvida, Cícero¹⁷, nesse quesito,¹⁸ quis eclipsar a fama de Marco Antônio, assassino de seu pai (14.148.1). Pois esse,¹⁹ antes dele,²⁰ muito se empenhou em obter a palma nisso com a publicação de um livro sobre a sua ebriedade. Mas penso que, ao ousar defender-se por meio desse, na verdade, ele provou claramente a magnitude dos males que trouxe para o orbe da Terra com sua embriaguez. (14.148.5) Pouco tempo antes da batalha de Ácio, ele vomitou esse volume, no qual facilmente se compreende que ele já estava embriagado com o sangue dos cidadãos, e isso o tornava ainda mais sedento.

No contexto da guerra civil, a acirrada disputa pelo poder era apresentada na poesia como um confronto entre modelos divinos. Cícero talvez possa ser considerado como precursor do que Andrea Cucchiarelli (2011b) chama de “retórica dos modelos divinos”, utilizada pelos poetas augustanos como um modo de aproximar a política da poesia. Nas *Filípicas*, Cícero qualifica Marco Antônio como *perbacchatus* (de *bacchor*: festejar os ritos de Baco, embriagar-se. O uso do prefixo *per* enfatiza o excesso ou abuso), acusando-o de comportar-se como um farrista bárbaro, cuja conduta era inapropriada em lugares públicos e privados:

At quam multos dies in ea villa turpissime es perbacchatus! Ab hora tertia bibebatur, ludebatur, vomebatur. (*Phil.* 2.104)

¹⁷ Cícero, o Jovem (Marcus Tullius Cicero Minor), filho de Marco Túlio Cícero.

¹⁸ A embriaguez.

¹⁹ Marco Antônio.

²⁰ Cícero, o Jovem, também acusado de comportamento abusivo com a bebida.

E quantos dias naquela vila²¹ ficaste vergonhosamente embriagado! Desde a terceira hora,²² bebia-se, jogava-se, vomitava-se.

Ao usar termo *perbacchatus* em referência à indulgência de Marco Antônio com os dons de Baco, Cícero o aproxima de Dioniso como um estrangeiro com vícios e luxos reprováveis aos velhos princípios morais romanos, um inimigo da República.

Por outro lado, Cícero elogia Otaviano, apresentando-o como o adolescente divino (*divinus adulescens*) enviado dos céus para defender e libertar a República de seu pior inimigo, Marco Antônio:

(5.42.1) Venio ad C. Caesarem, patres conscripti, qui nisi fuisset, quis nostrum esse potuisset? Advolabat ad urbem a Brundisio homo impotentissimus, ardens odio, animo hostili in omnis bonos cum exercitu Antonius. Quid huius audaciae (5.42.5) et sceleri poterat opponi? Nondum ullos duces habebamus, non copias; nullum erat consilium publicum, nulla libertas; dandae cervices erant crudelitati nefariae; fugam quaerebamus (5.43.1) omnes, quae ipsa exitum non habebat. Quis tum nobis, quis populo Romano obtulit hunc divinum adolescentem deus? qui, cum omnia ad perniciem nostram pestifero illi civi paterent, subito praeter spem omnium exortus (5.43.5) prius confecit exercitum quem furori M. Antoni opponeret quam quisquam hoc eum cogitare suspicaretur. (*Phil.* 5.42-43)

(5.42.1) Passo a Caio César, membros do senado. Se não fosse por ele, o que seria de nós? Vinha de Brundísio com seu exército a passos largos um homem violentíssimo, ardendo de ódio, com espírito hostil contra todos os homens bons: Antônio. O que poderia ser (5.42.5) contraposto à sua audácia e criminalidade? Na época, não tínhamos líderes, nem forças militares; não havia conselho público e nenhuma *libertas*. Nossos pescoços estavam sujeitos à crueldade abominável. Todos nós tentávamos fugir (5.43.1), mas não havia saída. Quem? Que deus, então, concedeu a nós e ao povo romano esse adolescente divino?

²¹ *Villa*: casa de campo.

²² *Tertia hora*: a terceira hora, que corresponde a 8 horas da manhã.

Quando todos os caminhos para nossa destruição se abriram diante daquele cidadão pestilento, para a surpresa de todos, ele surgiu subitamente, (5.43.5) reunindo um exército para se opor ao furor de Marco Antônio, antes que alguém suspeitasse o que ele estava cogitando.

Marco Antônio e o jovem Otaviano são apresentados como polos opostos, o primeiro como um tirano, que estava privando o povo da tão almejada *libertas*; e o segundo como um libertador, que se opôs ao furor desse homem hostil e odioso, que ameaçava as instituições romanas com sua audácia e criminalidade. Embora Cícero não associe diretamente Otaviano a Dioniso, essa caracterização evoca aspectos inerentes a esse deus como libertador e símbolo de uma Era de Ouro. Marco Antônio, por sua vez, representa o furor e a transgressão, também elementos dionisíacos.

Tirando proveito do caráter ambivalente de Baco, os poetas augustanos, assim como Cícero, contrastaram as *personae* de Marco Antônio e Augusto, atribuindo os aspectos mais sombrios do deus a Marco Antônio, como o excesso de luxo, a decadência moral, a loucura e a embriaguez; e reservando a Augusto os seus aspectos mais brilhantes, na figura do herói triunfante, filho de um deus, que surge como um novo líder, agente de transformação e símbolo de civilidade, paz e fartura de uma Era de Ouro.

Na poesia augustana, um dos primeiros exemplos da menção ao modelo helenístico de divinização (e seu significado dinástico) em associação aos paradigmas romanos de encômio aos benfeitores encontra-se nas *Éclogas* de Virgílio. A quarta écloga (40 a.C.) apresenta o tema da criança divina, um herói, que nasce em meio a elementos dionisíacos e apolíneos.²³ Em um berço de hera, nardo e acanto (motivos vegetais dionisíacos, 4.18-20), essa criança traria harmonia, abundância e paz para Roma em uma nova Era de Ouro,

²³ Para estudos sobre Virg., *Ecl.* 4, cf.: Coleman (1977, p. 129-154); Cucchiarelli (2012, p. 237-279).

governada por Apolo (4.10).²⁴ Virgílio, sem citar nomes, identifica esse jovem como um líder reconhecido por heróis e deuses (4.15-17), que aprenderia sobre a *virtus* dos antepassados (4.26-27). O destinatário dessa écloga é Polião, cônsul em 40 a.C., que cumpriu um importante papel na tentativa de conciliação entre Otaviano e Marco Antônio, tendo sido um dos mediadores do Pacto de Brundísio. A descrição do nascimento da criança sugere o surgimento de uma nova Era de Ouro, que poderia ser obtida no acordo entre o oriente de Marco Antônio e o ocidente de Otaviano. É possível que Virgílio, nesse momento de indefinição política, tenha preferido manter o mistério em relação à identidade dessa criança divina, que somente iria se revelar com o tempo.²⁵

Os anos que se seguiram ao consulado de Polião mostraram que o desejo de unificação entre essas duas lideranças políticas acabaria em uma contraposição ainda mais acirrada. Esperava-se que o casamento de Marco Antônio com Otávia, irmã de Otaviano, em 40 a.C., que politicamente representava a esperança de paz, produzisse um herdeiro em comum, que seria um candidato adequado para esse papel. No entanto, em pouco tempo, esse casamento terminaria, bem como o Pacto de Brundísio e toda a expectativa de pôr fim ao conflito. Quem quer que estivesse ao lado de Otaviano naquele momento de turbulência política facilmente atribuiria ao ébrio Marco Antônio, já estabelecido na Alexandria dos ptolomeus, o fracasso daquele projeto de paz. Portanto, restava a Otaviano, com suas bases em Roma, assumir o sonho de liberdade como se fosse seu.

Como explica Andrea Cucchiarelli (2011a, p. 234-237; 2011b, p. 160-163), o *puer* divino, na écloga 4, corresponde ao modelo heroico em seu estágio inicial, com o nascimento da criança e seu desenvolvimento até a idade adulta, quando se reconhece entre os heróis. O estágio final desse processo, por sua vez, pode ser observado na écloga seguinte, com a descrição da divinização de

²⁴ Para os motivos vegetais apolíneos e dionisíacos nas *Éclogas* de Virgílio e na *Ara Pacis* de Augusto; cf. Sauron (2013, p. 65-91).

²⁵ Sobre a identidade da criança em Virg., *Ecl.* 4, cf. Clausen (1994, p. 125-126).

Dafne, pastor homenageado depois da morte, descrito como sacerdote e introdutor do culto de Baco. Para descrever a divinização de Dafne, Virgílio usa o motivo helenístico do catasterismo (transformação em estrela ou constelação) do soberano. Dafne, desde Sérvio, é identificado com Júlio César, embora não haja consenso a esse respeito.²⁶ De todo modo, o modelo helenístico de divinização passou a ser associado a diversas lideranças políticas, entre as quais Augusto. Entre os romanos, o catasterismo tem como um de seus símbolos a estrela Júlia (44 a.C.) – ligada à divinização de Júlio César –, citada em poemas augustanos, como a ode 1.12.47 de Horácio, de louvor aos benfeitores romanos, e a *Eneida* (8.681) de Virgílio, em que Otaviano é protegido pela estrela paterna no confronto em Ácio.²⁷

2. O confronto de forças dionisíacas em Ácio

Dois poemas simpóticos de Horácio, o epodo 9 e a ode 1.37, apresentam elementos dionisíacos associados ao tema da guerra civil e à expectativa pela almejada paz. Cada um desses poemas dá enfoque a adversários de Augusto na batalha de Ácio (uma batalha decisiva para Roma, que os poetas augustanos esforçaram-se em fazer parecer ser contra um inimigo estrangeiro): o epodo 9 a Marco Antônio, e a ode 1.37 a Cleópatra.

Como havíamos dito, Marco Antônio havia sido aclamado como o Novo Dioniso em Éfeso em 41 a.C. No epodo 9, Horácio explora os aspectos mais baixos de Baco em associação à figura do general romano, então aliado de Cleópatra, em contraste com a figura de Otaviano:

Quando repostum Caecubum ad festas dapes (1)

²⁶ Sobre a caracterização de Dafne em Virg. *Ecl.* 5, cf. Clausen (1994, p. 152). Sobre a associação entre Dafne e Júlio César, cf. Serv., *In Verg. Buc. Librum* 5.56.

²⁷ Sobre a estrela Júlia, ver também: Plínio, o Velho, *H. N.* 2.93-94; Suetônio, *Iul.* 88; Dio Cássio 45.7.1; Scott (1941).

victore laetus Caesare
tecum sub alta – sic Iovi gratum – domo,
beate Maecenas, bibam
sonante mixtum tibiis carmen lyra, (5)
hac Dorium, illis barbarum?
ut nuper, actus cum freto Neptunius
dux fugit ustis navibus
minatus urbi vincla, quae detraxerat
servis amicus perfidis. (10)
Romanus eheu – posteri negabitis –
emancipatus feminae
fert vallum et arma miles et spadonibus
servire rugosis potest
interque signa turpe militaria (15)
sol adspicit conopium.
at huc frementis verterunt bis mille equos
Galli canentes Caesarem
hostiliumque navium portu latent
puppes sinistrorsum citae. (20)
io Triumphe, tu moraris aureos
currus et intactas boves?
io Triumphe, nec Iugurthino parem
bello reportasti ducem
neque Africanum, cui super Carthaginem (25)

virtus sepulcrum condidit.
terra marique victus hostis punico
lugubre mutavit sagum,
aut ille centum nobilem Cretam urbibus
ventis iturus non suis, (30)
exercitatas aut petit Syrtis Noto
aut fertur incerto mari.
capaciores adfer huc, puer, scyphos
et Chia vina aut Lesbia,
vel quod fluentem nauseam coerceat (35)
metire nobis Caecubum.
curam metumque Caesaris rerum iuvat
dulci Lyaeo solvere.
Quando, ditoso Mecenas, beberei contigo, (1)
feliz com a vitória de César,
na tua casa elevada²⁸ – pois assim deseja Júpiter –,
o céculo reservado para os banquetes sagrados,
enquanto a lira soa a música dórica (5)
misturada às flautas bárbaras?
Como fizemos há pouco, quando os navios do general
de Netuno
foram incendiados, e ele fugiu, levado pelo mar,

²⁸ *Alta domo*: referência à casa de Mecenas no alto do Monte Esquilino.

aquele que ameaçou prender a cidade com as algemas retiradas

dos pérfidos escravos, de quem tornou-se amigo. (10)

Ai – vós, pósteros, negareis –, um romano

entregue ao poder de uma mulher!

Como soldado, ele carrega a trincheira e as armas;

e pode servir a eunucos enrugados,

enquanto o sol observa o torpe conopeu (15)

entre as insígnias militares.

Mas dois mil gálatas, cantando “César”, voltaram

seus frementes cavalos para cá;

e as popas dos navios inimigos refugiam-se no porto,

rápidas em direção à esquerda. (20)

Viva! Triunfo! Tu²⁹ demoras a chegar com os áureos

carros de triunfo e as novilhas intactas de jugo?

Viva! Triunfo! Da Guerra Jugurtina,

tu não trouxeste semelhante líder.

Nem Africano, para quem a virtude construiu (25)

um sepulcro em solo cartaginês.

Derrotado em terra e mar, o inimigo trocou

o manto púrpura pelo fúnebre.

Ele pode estar rumando a Creta, famosa por suas cem cidades,

²⁹ Endereçado ao Triunfo personificado.

sem ter os ventos a seu favor; (30)
 ou busca as Sirtes,³⁰ agitadas pelo Noto;
 ou é levado por incerto mar.
 Traz para cá copos maiores, menino,
 e vinhos de Quios ou de Lesbos;
 ou então serve-nos uma dose de céculo (35)
 para conter a náusea.
 É agradável dissipar a preocupação e o temor pela
 causa de César
 com a ajuda do doce Lieu.

Embora Marco Antônio não seja citado nominalmente, a audiência saberia que o vitupério é endereçado a ele, retratado como uma figura imoral, entregue a vícios e submisso a uma mulher (*emancipatus feminae*, 12; Cleópatra) e seu exército de eunucos. Otaviano, por sua vez, aparece como herói triunfante, aclamado em Roma ao desfilar com seus espólios de guerra. A omissão do nome de Marco Antônio é proposital, pois, primeiro, tratava-se do vitupério a um líder romano, embora retratado como um inimigo estrangeiro; e, em segundo lugar, evidenciaria o conflito como uma guerra civil, o que se desejava evitar a todo custo.

A vitória sobre um romano, a princípio, não poderia ser comemorada com um triunfo. Mesmo assim, a *persona* poética de Horácio expressa o desejo de celebrar ao lado de Mecenas, com grande banquete (*daps*), o triunfo de Otaviano sobre Marco Antônio (1-6). O banquete justifica-se por se tratar de um inimigo da República, do mesmo modo que havia justificado a comemoração da vitória sobre Sexto Pompeu (7-10). Isto é, Otaviano, assim como havia derrotado Pompeu como Netuno e seu poder naval, estava

³⁰ Sirtes: bancos de areia na costa da antiga Cirene, na Líbia; região sujeita a tempestades de areia; também em Hor., C. 2.6.3; 2.20.15.

derrotando Marco Antônio na figura de um Dioniso estrangeiro, impregnado de vícios rechaçados pela moral republicana.³¹

Horácio faz do simpósio um lugar apropriado para cantar sobre Otaviano. Nesse epodo (datado de cerca de 30 a.C.), em que Ácio ainda era motivo de preocupação, o doce Lieu (*dulcis Lyaeus*, 38) aparece como um remédio para dissipar (*solvere*, 38) ansiedades e medos pela (ou da) causa do jovem César (*Caesaris rerum*, 37).³² O desejo de controlar a náusea com vinho (*quod fluentem nauseam coerceat*, 35) pertence à tópica do simpósio como um barco em viagem marítima, em que o elemento líquido (o vinho, o mar ou as tempestades) aparece como causador de um estado mental alterado. Nessa tópica, os simposiastas assemelham-se a marinheiros em situações que variam entre a tempestade e a calmaria, em associação a temas eróticos, épicos e políticos, tais como em Alceu, Arquíloco e Píndaro.³³

A relação entre Dioniso e o mar pode ser observada na poesia e nas artes gregas e romanas. No *Hino Homérico 7*, no episódio com os piratas do Tirreno – tema também presente nas artes –,³⁴ o deus causa alucinações, assumindo a aparência de animais selvagens (leão e urso) e transformando seus opositores em golfinhos, que,

³¹ Para a caracterização de Sexto Pompeu como inimigo, cf. Zanker (1988, p. 40-41).

³² Para o medo pela (ou da) causa de Otaviano no epodo 9, cf. Giusti (2016, p. 132-133): “*metus Caesaris rerum* (37), tanto o medo pela como da causa de César, dependendo de que lado se está: em todo caso, um medo que somente pode ser eliminado por Baco”.

³³ Para a viagem marítima como metáfora para o simpósio, cf. Slater (1976). Para a metáfora da tempestade marítima em associação à tópica do *carpe diem*, cf. Hor., *Epod.* 13.

³⁴ Nas artes, a taça de Exéquias (540-530 a.C.), cerâmica ática de figuras negras encontrada em Vulci na Etrúria, hoje exposta no Museu de Munique (Staatliche Antikensammlungen), faz referência à essa lenda: Dioniso figura reclinado em uma barca, que lembra um leito de simpósio, e uma videira se alastra, desabrochando em cachos no topo do mastro. Golfinhos preenchem a parte inferior e as laterais da figura. Disponível em: https://www.antike-am-koenigsplatz.mwn.de/index.php/en/state-collection/319-collection?os_image_id-158

aterrorizados, se lançam ao mar. Embora o suposto simpósio a que Horácio se refere no epodo 9 não seja explicitamente a bordo de um navio, o poema liga-se à batalha naval de Ácio. O vinho serve não só para celebrar o banquete com Mecenas, mas também como remédio para o enjoo (*nausea*, 35) causado pelo furor civil. O vinho causa ilusões de poder, de riqueza e até mesmo de paz em meio a uma guerra civil. É o que sugerem as últimas linhas do epodo 9: o céculo, considerado um dos vinhos mais finos da Itália, iria controlar a náusea e, com sua doçura, fazer a situação de César parecer menos grave (33-38).³⁵

A relação entre o epodo 9 e a ode 1.37 é evidente. Enquanto o primeiro diz respeito à expectativa de comemorar a vitória, a ode 1.37 sugere a efetivação da almejada celebração do triunfo de Otaviano em Ácio:

Nunc est bibendum, nunc pede libero (1)

pulsanda tellus, nunc Saliaribus

ornare pulvinar deorum

tempus erat dapibus, sodales.

antehac nefas depromere Caecubum (5)

cellis avitis, dum Capitolio

regina dementis ruinas

funus et imperio parabat

contaminato cum grege turpium

morbo virorum, quidlibet inpotens (10)

sperare fortunaque dulci

ebria. sed minuit furorem

³⁵ Sobre o vinho céculo, cf.: Plin., *H. N.* 14.61.

vix una sospes navis ab ignibus
 mentemque lymphatam Mareotico
 redegit in veros timores (15)

Caesar ab Italia volantem
 remis adurgens, accipiter velut
 mollis columbas aut leporem citus
 venator in campis nivalis

Haemoniae, daret ut catenis (20)
 fatale monstrum: quae generosius
 perire quaerens nec muliebriter
 expavit ensem nec latentis

classe cita reparavit oras,
 ausa et iacentem visere regiam (25)
 voltu sereno, fortis et asperas
 tractare serpentes, ut atrum
 corpore conbiberet venenum,

deliberata morte ferocior:
 saevis Liburnis scilicet invidens (30)
 privata deduci superbo
 non humilis mulier triumpho.

Agora convém beber! Agora é hora de fazer, (1)
 com pé livre, a terra pulsar. Já é tempo,
 amigos, de ornar o pulvinar dos deuses
 com os banquetes saliares!

Antes disso, seria nefasto sacar um céculo (5)
das adegas de nossos pais,³⁶ quando a demente
rainha, com seu bando de homens
torpes de conduta viciosa, preparava louca ruína³⁷
ao Capitólio e a queda do império;
descontrolada com esperança desmedida, (10)
embriagada com a doce fortuna.
Mas o furor abrandou quando
poucos navios escaparam do fogo.
Sua mente delirante com o mareótico
foi tomada de verdadeiro terror, (15)
quando César, com seus remos, a perseguiu
em sua fuga da Itália, como um falcão no encaço
de uma pomba, ou um veloz caçador atrás de
uma lebre nos campos cobertos de neve
da Emônia, para prender em grilhões (20)
o monstro fatal. Determinada a morrer
com maior nobreza, ela não demonstrou
o temor feminino da espada, nem se refugiou com
sua veloz frota em um litoral escondido.
Corajosa ao ver, com semblante sereno, (25)

³⁶ *Cellis avitis*: adegas herdadas de antepassados.

³⁷ *Dementis ruinas* (louca ruína): hipálage, qualidade transferida da rainha para a ruína.

seu reinado ruir, e forte ao manusear
 serpentes ferozes, deixando o seu corpo
 absorver o atro veneno.

Mais feroz em sua morte deliberada:

sem dúvida, relutante em ser destronada – (30)
 mulher não humilde – e conduzida pelas cruéis
 naves liburnas ao majestoso triunfo.

Horácio sugere que o momento é apropriado para comemorar, bebendo com Mecenas em um banquete (*nunc est bibendum*, 1),³⁸ pois finalmente Roma está livre da grande ameaça, o monstro fatal (*fatale monstrum*, 21), personificado na figura de Cleópatra. Os sacerdotes saliares ofereciam banquetes suntuosos antes e depois das guerras, em que apresentavam as danças a que Horácio se refere (2-4). Essas comemorações seriam apropriadas, se não se tratasse de uma vitória sobre um romano em uma guerra civil.

Enquanto, no epodo 9, o vitupério é dirigido com ênfase na figura de Marco Antônio, na ode 1.37, o enfoque é sobre Cleópatra em contraste com Otaviano. Cleópatra é referida como rainha (*regina*, 7; seu nome é omitido propositalmente, tal como o de Marco Antônio no epodo 9) e descrita como uma mulher cercada de luxos, embriagada com o doce mareótico (*fortuna dulci ebria*, 11-12; *mentemque lymphatam Mareotico*, 14). A doçura da embriaguez com o vinho de Alexandria faz lembrar o *dulcis Lyaeus* do epodo 9, mas com diferente função: desta vez, não como remédio para aliviar os males da guerra, mas ligado aos delírios de poder daquela que planejava destruir Roma. Otaviano, por sua vez, lembra Líber como benfeitor, o novo *liberator* da República Romana, que derrota o monstro fatal (*daret ut catenis fatale monstrum*, 20-21; também em

³⁸ O modelo desse verso é Alceu, frag. 332; apud Ath., *Deip.* 10.430c.

C. 1.2.6, *nova monstra*: os terrores da guerra civil).³⁹ Certas qualidades de Cleópatra são ressaltadas, como a coragem e a força, que fazem dela uma adversária à altura, repercutindo no louvor a Otaviano como vencedor de um potente inimigo.

Andrew Feldherr (2010, p. 223-232) nota que, embora Baco não seja literalmente citado, há marcadores de sua presença no início e no final do poema, respectivamente *pede libero* (1) e *triumphus* (32).⁴⁰ A expressão *pede libero*, “pé de Líber”, remete ao pé métrico do ritmo ditirâmico (cantos em honra a Dioniso, ligados às origens da tragédia), e também pode sugerir o papel de Líber como libertador de forças tirânicas, “o pé que conduz à liberdade”.⁴¹ A palavra *triumphus* (32), por sua vez, liga-se a *Thriambos*, um nome de culto de Dioniso, associado às procissões triunfais (Varro, *Ling.* 6.68-69; Diod. Sic. 4.5.2). A menção ao triunfo ecoa o epodo 9, que descreve Otaviano como um líder que supera os mais bravos comandantes militares, retornando triunfante a Roma com os espólios de suas conquistas (*io Triumphe*, 21-26).

A *libertas* e a *licentia* dionisíacas contrastam nas caracterizações de César (Otaviano) e Cleópatra: o primeiro associa-se à *libertas* republicana (como benfeitor que põe fim à opressão da guerra civil) e ao triunfo sobre a tirania (*pede libero*, 1); enquanto a rainha estrangeira, à *licentia*, ao luxo excessivo, ao delírio e à embriaguez, que levam à ruína (tal como Marco Antônio no epodo 9). Assim, essas odes marcam uma transformação na figuração de Baco. Depois da batalha de Ácio, quase como um espólio de guerra, o deus, antes

³⁹ Para Baco como guerreiro, conquistador e libertador em Horácio, cf. Harrison (2019, p. 237-242); em Virgílio, cf. Mac Góráin (2013, p. 143-145).

⁴⁰ Para Otaviano vs. Marco Antônio/Cleópatra em Hor., C. 1.37, ver também Oliensis (1998, p. 137-145).

⁴¹ Para Ditirambo como epíteto de Baco, cf. Eur., *Bacch.* 526-529. Sobre o ditirambo, cf.: Seaford (2011, p. 155-156, 192); Arist., *Poet.* 1449a. Para o ritmo ditirâmico e seu sentido político no epodo 9 de Horácio, cf. Giusti (2016, p. 131-139). Em Hor., C. 3.25.11, *pede barbaro*, assim como *pede libero* na ode 1.37, sugere a ideia de ritmo dionisíaco, enfatizando o caráter estrangeiro da dança menádica. Para os poderes libertadores de Baco contra a tirania (*pede libero*, passo da liberdade) na ode 1.37, cf. Harrison (2019, p. 239-240).

modelo de Marco Antônio, torna-se símbolo do triunfo de Otaviano em Ácio e da conquista da paz e abundância da assim chamada Era Augustana.

Um tema associado à batalha de Ácio que liga essas figuras políticas a Baco é a Gigantomaquia, citada por Horácio na ode 2.19.21-24 (símbolo do poder civilizatório de Baco, ao contribuir com Júpiter na luta para ordenar o Universo). A audiência estaria ciente das metáforas políticas associadas à Gigantomaquia. No Livro 8.675-713 da *Eneida* de Virgílio, o confronto entre Marco Antônio/Cleópatra e Otaviano em Ácio é descrito como uma batalha entre deuses romanos (Vênus, Apolo e Netuno) e egípcios (Anúbis), em que Marco Antônio faz lembrar Baco, ao ser caracterizado como um potente adversário estrangeiro, conquistador do Oriente, porém nefasto, na companhia da esposa egípcia (685-688). Augusto, por sua vez, assemelha-se ao Líber romano como herói triunfante, que brilha com a estrela paterna (*sidus patrium*, 681; a estrela Júlia), um benfeitor, que livra o povo dos terrores da guerra civil (678-681, 714-715).⁴²

A assimilação de Baco ao repertório augustano pode ser observada em moedas emitidas entre o final da República e o Principado.⁴³ Um cistóforo com o busto de Otaviano e a inscrição *Caesar Imp. VII* (César/Otaviano, imperador pela sétima vez), datado de 29-27 a.C. (**fig. 4**), tem gravado no reverso a imagem de Vitória sobre a cista mística emoldurada por duas serpentes, com a inscrição *Asia recepta* (Ásia reconquistada), que pode simbolizar a vitória de Otaviano sobre Marco Antônio:

⁴² Para Dioniso e a gigantomaquia, cf.: Eur., *Cyc.* 5. Para Augusto, Marco Antônio e a gigantomaquia, ver também Hor., *C.* 3.4.42-64; Lowrie (1997, p. 205-210, 214-223); Batinski (1991, p. 372); Stevens (1999, p. 283-290); Miller (1998, p. 545-552); Hornsby (1962, p. 101-104).

⁴³ Para Líber em moedas romanas, cf.: Castriota (1995, p. 92); Wyler (2008, p. 237-243).



Fig. 4. Quinário. Vitória de Otaviano sobre Marco Antônio. 29-27 a.C.⁴⁴

Essa moeda, cunhada em Brundísio (lugar onde foi assinado o pacto, frustrado, de paz entre Otaviano e Marco Antônio), provavelmente é uma resposta ao cistóforo de Marco Antônio e Otávia (**fig. 3**), emitido cerca de dez anos antes em Éfeso, que apresenta figuração dionisíaca semelhante no reverso (cista mística emoldurada por duas serpentes, símbolos dos mistérios dionisíacos na Ásia). Na moeda de Marco Antônio, Dioniso figura sobre a cista, com o tirso e o cálice nas mãos; enquanto na moeda de Otaviano quem ocupa essa posição é Vitória segurando a palma e uma guirlanda. A legenda *ASIA RECEPIT* (Ásia reconquistada) indica que Otaviano recobrou as províncias asiáticas para Roma.⁴⁵

Uma moeda com o busto de Otaviano laureado (**fig. 5**), pós-Ácio (28 a.C.), apresenta, no reverso, a personificação da Paz segurando um caduceu ao lado de uma cista da qual emergem serpentes que se

⁴⁴ Tipo de objeto: moeda (quinário). Descrição: Vitória de Otaviano sobre Marco Antônio. Anverso: busto de Otaviano (direita). Reverso: Vitória (esquerda), sobre uma cista mística entre duas serpentes entrelaçadas, segurando guirlanda com a mão direita e uma palma com a mão esquerda. Inscrições (latim): anverso: CAESAR IMP VII; reverso: ASIA RECEPIT; refere-se à reconquista das províncias da Ásia e estados clientes de Roma. Cultura: Roma Imperial. Data: 29-27 a.C. Autoridade: Augusto (Otaviano). Cunhada em: Itália (Brundísio e Roma?). Material: prata. Peso: 1,81 g. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: 1866,1201.4182. C&M Catalogue number: RE1 (105) (647) (105). RR2 (536) (240) (536). Foto: The British Museum (cortesia). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1866-1201-4182

⁴⁵ Para o quinário de Otaviano (**fig. 4**) como uma resposta a Marco Antônio (**fig. 3**), cf.: Wyler (2008, p. 241-242); Martins (2011, p. 184-185).

entrelaçam (símbolos dionisíacos também presentes nas moedas citadas anteriormente, **fig. 3 e 4**).⁴⁶ Uma coroa de louros, símbolo de Apolo, emoldura as figuras. No anverso, o busto laureado de Otaviano é circunscrito pela inscrição: *imp(erator) Caesar diui f(ilius) co(n)s(ul) VI Libertatis p(opuli) R(omani) uindex* (Imperador César, filho do Divino, cônsul pela sexta vez, defensor da liberdade do povo romano):



Fig. 5. Cistóforo. Augusto e Pax. 28 a.C.⁴⁷

Desse modo, Augusto apresenta-se como defensor de um valor republicano associado a Líber, a liberdade, ao mesmo tempo em que celebra a *pax* Augustana, sob a proteção de Apolo.

Por fim, uma moeda de 19 a.C. (**fig. 6**), ano do vitorioso retorno de Augusto da Pártia, apresenta, no anverso, o busto de Líber com os cabelos adornados por uma guirlanda de hera; e, no reverso, Augusto em uma biga conduzida por elefantes, segurando um ramo de louro

⁴⁶ Para uma análise detalhada do cistóforo de Otaviano (**fig. 5**), cf. Martins (2017, p. 19-21), (2011, p. 145-147).

⁴⁷ Tipo de objeto: moeda (cistóforo). Descrição: Augusto e Pax. Anverso: busto de Augusto laureado (direita). Reverso: Pax (esquerda) em pé segurando um caduceu; uma serpente (direita) emerge de uma cista; coroa de louros circundando as figuras. Inscrições (latim): anverso: IMP. CAESAR. DIVI. F. COS. VI. LIBERTATIS. P. R. VINDEX; reverso: PAX. Cultura: Roma Provincial. Autoridade: Augusto (Otaviano). Data: 28 a.C. Cunhada em: Éfeso. Material: prata. Peso: 11,76 g. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: G.2207. C&M Catalogue number: RE1 (112) (691) (112). Foto: The British Museum (cortesia). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_G-2207

com a mão direita e um cetro com a esquerda (símbolos de triunfo e autoridade), com a inscrição *Augustus Caesar* (Augusto César).



Fig. 6. Denário. Líber e Augusto. 19-14 a.C.⁴⁸

Nessas moedas, podemos observar Líber gradativamente sendo assimilado à figuração de Augusto, primeiro como símbolo da vitória sobre Marco Antônio (o “Dioniso estrangeiro”) e depois como modelo para Augusto como conquistador triunfante, um novo líder no comando de territórios antes pertencentes às dinastias monárquicas helenísticas.

3. Líber e a apoteose de Augusto

Como vimos, Cícero (*N. D.* 2.62) inclui Líber entre as figuras lendárias (parte deles heróis gregos) que eram paradigmas para os homens excelentes (*excellentis viri*), para os quais era costume dedicar honrarias e louvores após a morte. Na epístola 2.1, Horácio compara Augusto a esses benfeitores lendários (Líber, Rômulo,

⁴⁸ Tipo de objeto: moeda (denário). Descrição: Líber e Augusto. Anverso: busto de Líber (direita) usando uma guirlanda de hera, cabelo preso atrás, com mechas caindo sobre o pescoço e ombro esquerdo. Reverso: Augusto em uma biga de elefantes, segurando um ramo de louro com a mão esquerda e um cetro com a direita. Inscrições (latim): anverso: P. PETRON. TVRP ILIAN. III. VIR; reverso: AVGVSTVS; CAESAR (Augusto; César/Otaviano). Cultura: Roma Imperial. Data: 19-14 a.C. Autoridade: Augusto. Emissor: P. Petronius Turpilianus. Cunhada em: Roma. Material: prata. Peso: 3,86 g. The British Museum. Department of Coins & Medals. Museum number: 1902,0206.115. C&M Catalogue number: RE1 (3) (7) (3); RR2 (62) (4514) (62). Foto: The British Museum (cortesia).

Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1902-0206-115

Hércules, Castor e Pólux), que teriam provado seu valor ao contribuir para a humanidade com seus dons e ações civilizatórias:

Cum tot sustineas et tanta negotia solus, (1)

res Italas armis tuteris, moribus ornes,

legibus emendes, in publica commoda peccem,

si longo sermone morer tua tempora, Caesar.

Romulus et Liber pater et cum Castore Pollux, (5)

post ingentia facta deorum in templa recepti,

dum terras hominumque colunt genus, aspera bella

conponunt, agros adsignant, oppida condunt,

ploravere suis non respondere favorem

speratum meritis. diram qui contudit hydram (10)

notaque fatali portenta labore subegit,

comperit invidiam supremo fine domari.

urit enim fulgore suo qui praegravat artis

infra se positas; extinctus amabitur idem:

praesenti tibi maturos largimur honores (15)

iurandasque tuum per numen ponimus aras,

nil oriturum alias, nil ortum tale fatentes.

(*Epist.* 2.1.1-17)

Uma vez que administras, sozinho, tantos negócios,
(1)

defendendo os interesses da Itália com armas,
guarnecendo-a com a moral

e reformando-a com leis, eu iria contra os interesses públicos,

se, com longo discurso, eu tomasse o teu tempo, César.

Rômulo, Líber *Pater* e Castor e Pólux, que, depois (5)

de realizarem grandes feitos, foram recebidos nos templos dos deuses, enquanto protegiam a terra e a humanidade, acabando com as tristes guerras,

distribuindo terras e fundando cidades,

choraram porque não receberam o aplauso esperado,

de acordo com seus méritos. Aquele que esmagou a sinistra hidra (10)

e que subjuguou conhecidos monstros com seu trabalho fatal,

descobriu que a inveja somente pode ser vencida, enfim, pela morte.

Pois um homem consome com sua luz quando rebaixa com seu peso

aqueles de menor mérito; mas, uma vez extinto, ele também será amado.

No entanto, enquanto estás entre nós, concedemos a ti honras (15)

em tempo oportuno, erigimos altares para jurar por teu nome,

declarando que nunca surgirá e nem surgiu nada igual.

Horácio toca na questão da deificação, porém não delimita estritamente como ela se aplica a Augusto, embora especifique uma diferença fundamental entre o *princeps* e os benfeitores lendários: enquanto o primeiro estava recebendo honrarias em vida (mesmo que

fossem somente endereçadas ao seu *numen*), os benfeitores somente eram adorados como deuses após a morte.⁴⁹

Na ode 1.12, observamos o conceito de herói associado ao louvor dos benfeitores, em um catálogo que culmina com Augusto. A abertura desse poema remete à segunda *Olímpica* de Píndaro, com uma série de perguntas retóricas sobre que herói, homem ou deus seria celebrado por Clio, com o acompanhamento da lira ou da flauta:

Quem virum aut heroa lyra vel acri
tibia sumis celebrare, Clio?
quem deum? (C. 1.12.1-3)
Que homem ou herói escolhes celebrar
com a lira ou com a aguda flauta, Clio?
Que deus?

No catálogo, são incluídos deuses, como Palas (1.12.20), Diana (22-23) e Apolo (24); heróis deificados, como Líber (22), Hércules (25), Rômulo (33) e os Dióscuros (25); e personagens romanos, desde reis, como Tarquínio (34-35), até líderes militares, de Régulo a Marcelo, entre os quais brilha a estrela Júlia (*Iulium sidus*, 47), símbolo de apoteose e imortalidade. Fechando a lista, Augusto (*magnus Caesar*, 50-51) aparece como um representante de Júpiter na Terra, que com suas conquistas militares expandiu os domínios de Roma. O início deste poema lembra a ode 1.2, que também começa com uma série de perguntas sobre qual deus iria defender os romanos da guerra civil, e termina com Otaviano assimilado a Mercúrio como vingador de Júlio César (*Caesaris ultor*, 44) e aclamado como *pater* e *princeps*, conquistador e líder triunfante dos romanos (*te duce, Caesar*, 52).

Depois de Ácio, o senado decretou que libações poderiam ser oferecidas ao *numen* de Augusto tanto em banquetes públicos como

⁴⁹ Sobre a deificação de Augusto, cf. Taylor (1975, p. 224-246).

privados. Em 27 a.C., Otaviano recebeu o nome Augusto. Por volta de 12 a.C., os *Genii Augusti* foram incluídos entre os cultos oficiais, sendo assimilados ao antigo culto dos *Lares Compitales*, que se transformou no culto do *Lares Augusti*. Em 2 a.C., Augusto recebeu o título de *pater patriae*, quando foram instituídos jogos em sua honra em Nápoles; e outras cidades da Itália (Pompeia, Cumas e Puteoli) passaram a adotar o culto de seu *numen*. Esse novo culto incluía o sacrifício de um touro (animal associado a Dioniso), uma prática corrente nos rituais dedicados aos reis divinizados, como Alexandre, o Grande, os ptolomeus e os atálidas.⁵⁰

Na epístola 2.1 de Horácio, uma característica atribuída a Augusto o aproxima desses reis helenísticos: *praesens* (presente, 15).⁵¹ Charles Brink (2011, p. 51-53) chama atenção para a correspondência entre *praesens* e a palavra grega *epiphanes* (epifânico), que sugerem a presença como poder de manifestação, ou seja, a epifania. Este aspecto é marcante na caracterização de Baco (*Nec enim praesentior illo est deus*. “Pois não há deus mais presente que ele”. Ov., *Met.* 3.658-659), cuja manifestação é anunciada e celebrada pelo séquito nas orgias bem como no ritual do vinho (*Vinum precamur, nam hic deus praesens adest*. “Suplicamos ao vinho, pois esse deus se faz presente”. Plauto, frag. 159, apud Donato, *Ars Gram.* 3.6; Isid., *Orig.* 1.37.9). O epíteto *Epiphanes* foi adotado por monarcas selêucidas, como Antíoco IV Epiphanes (r. 175-164 a.C.), Seleuco VI Epiphanes (96-94 a.C.) e Antíoco XI Epiphanes (94-93 a.C.); e ptolomaicos, como Ptolomeu V Epiphanes (204-180 a.C.).⁵²

⁵⁰ Sobre a adoração do *numen* de Augusto (a datação do início do culto varia entre 30 e 24 a.C.), cf.: Fishwick (1969); Brink (2011, p. 54-56). Para os ritos dedicados a Augusto, cf. Beard (1996, p. 207-209). Para o culto dos Lares, cf.: Ov., *Fast.* 5.145-146; Beard (1996, p. 185). Para a adoração de Augusto em vida na Itália, cf. Taylor (1920). Sobre o culto dos *augustales* junto aos Lares e nos *compita*, cf. Martins (2017, p. 12-14).

⁵¹ Para *praesens* qualificando Augusto, ver também: Hor., *C.* 3.5.2-3; 4.14.43.

⁵² Sobre a adoção do epíteto *Epiphanes* pelos reis helenísticos, cf. Taylor (1975, p. 30-32).

A despeito do fato de aceitar honrarias que, em alguns aspectos, assemelhavam-se às dedicadas aos reis helenísticos, Augusto não permitiria ser adorado oficialmente como um deus em vida em Roma, a fim de demonstrar que estava agindo de acordo com os antigos valores republicanos. Esta forma de divindade, adquirida em sua totalidade apenas após a morte, parecia distingui-lo dos monarcas helenísticos, além de adequar-se aos costumes romanos.⁵³ No entanto, o *princeps*, com um vasto território sob o seu controle, possuía muito em comum com as dinastias teocráticas, como a fundada por Alexandre. No Egito, com a vitória em Ácio, Otaviano passou a ser tratado como um rei divinizado, sendo identificado com Zeus *Eleuthereos* (o libertador, também um epíteto de Dioniso). Nas províncias asiáticas, já habituadas à adoração do *heros*, Otaviano era adorado como um deus. Assim, Dioniso, antes símbolo político de Marco Antônio, foi absorvido ao repertório augustano. Entre outras implicações, essa assimilação poderia dar suporte ao processo de divinização de Augusto em Roma após a morte.

A ode 3.25 de Horácio é fundamental no processo de transformação e assimilação de Baco ao repertório augustano, ao sugerir que o deus, como patrono da poesia, apoia Augusto, determinando que ele seja tratado com elevação:⁵⁴

Quo me, Bacche, rapis tui (1)

plenum? quae nemora aut quos agor in specus

velox mente nova? quibus

antris egregii Caesaris audiar

aeternum meditans decus (5)

stellis inserere et consilio Iovis?

⁵³ Sobre a relação entre a deificação de Augusto e os cultos helenísticos, cf. Taylor (1975, p. 244-246).

⁵⁴ Sobre Baco em Hor., C. 3.25, cf. Serignolli (2019).

dicam insigne, recens, adhuc

indictum ore alio.

(C. 3.25.1-8)

Para onde, Baco, me arrastas (1)

pleno de ti? Para que bosques ou para que cavernas

sou velozmente levado com mente nova? Em que

grutas serei ouvido ao preparar-me

para colocar a eterna glória do egrégio César (5)

nas estrelas e no consílio de Júpiter?

Cantarei tema insigne, recente, até então

nunca dito por outros lábios.

O tema da apoteose – ou catasterismo – de Augusto nessa ode (*stellis inserere et consilio Iovis*, 6) liga-se à ode 3.3, em que Augusto figura como benfeitor (comparado a Baco e outros heróis deificados, como Pólux, Hércules e Quirino), que por seus préstimos à humanidade irá conquistar a imortalidade, tendo permissão para participar no banquete dos deuses:

Iustum et tenacem propositi virum (1)

non civium ardor prava iubentium,

non voltus instantis tyranni

mente quatit solida neque Auster,

dux inquieti turbidus Hadriae, (5)

nec fulminantis magna manus Iovis:

si fractus inlabatur orbis,

inpavidum ferient ruinae.

hac arte Pollux et vagus Hercules

enisus arcis attigit igneas, (10)

quos inter Augustus recumbens

purpureo bibet ore nectar,

hac te merentem, Bacche pater, tuae

vexere tigres indocili iugum

collo trahentes, hac Quirinus (15)

Martis equis Acheronta fugit

(C. 3.3.1-16)

O homem justo e de propósito firme, (1)

com a mente sólida, não é abalado

pelo ardor de cidadãos clamando por injustiças,

nem pelo semblante ameaçador do tirano, nem pelo
Austro,

furioso senhor do turbulento Adriático, (5)

nem pela poderosa mão do fulminante Júpiter.

Se o firmamento cair e se quebrar, atingido pelas
ruínas,

ele permanecerá impávido.

Por essa virtude, Pólux e o errante Hércules,

com seus trabalhos, atingiram a morada estelar. (10)

Entre eles, reclinado, Augusto

beberá o néctar, com a boca vermelha.

Por essa virtude, merecidamente, Baco *Pater*,

os tigres, puxando o jugo atrelado ao colo indócil,

te transportaram. Por essa virtude, Quirino, (15)

com os cavalos de Marte, evitou o Aqueronte.

Baco recebe o epíteto *Pater* (tal como em *C.1.18.6* e *Epist. 2.1.5*), que atribui uma coloração itálica a essa construção helenizada do deus como conquistador e *triumphator*, cujos poderes civilizatórios, de controle das paixões humanas, são simbolizados pelos tigres sob o jugo (13-14). Semelhante comparação de Baco com Augusto pode ser encontrada na *Eneida* de Virgílio (6.805-806), em uma passagem do discurso de Anquises em que Otaviano aparece como o jovem herói prometido pelos oráculos. A referência a Baco com seus tigres em triunfo alude à expedição à Índia em 20 a.C., evocando semelhanças entre Augusto e Alexandre, o Grande, como conquistador do Oriente.

4. Líber e a celebração da *pax augustana*

No quarto livro das *Odes*, os poemas em que Baco desempenha um papel no louvor a Augusto sugerem outras associações. Na ode 4.15, a última da coleção, os dons do jocoso Líber (26) são compartilhados em uma celebração destinada a reunir os cidadãos romanos com suas famílias para cantar louvores aos heróis imortais e à *gens Iulia* de acordo com antigos costumes:⁵⁵

Phoebus volentem proelia me loqui (1)

victas et urbis increpuit lyra,

ne parva Tyrrhenum per aequor

vela darem. tua, Caesar, aetas

fruges et agris rettulit uberes (5)

et signa nostro restituit Iovi

⁵⁵ Para o costume de celebrar os feitos dos homens em poesia nos banquetes, cf.: Cic., *Brut.* 75.1-5; *Tusc.* 4.3.

derepta Parthorum superbis
postibus et vacuum duellis
Ianum Quirini clausit et ordinem
rectum evaganti frena licentiae (10)
iniecit emovitque culpas
et veteres revocavit artis,
per quas Latinum nomen et Italiae
crevere vires famaue et imperi
porrecta maiestas ad ortus (15)
solis ab Hesperio cubili.
custode rerum Caesare non furor
civilis aut vis exiget otium,
non ira, quae proculdit ensis
et miseras inimicat urbis; (20)
non qui profundum Danuvium bibunt
edicta rumpent Iulia, non Getae,
non Seres infidique Persae,
non Tanain prope flumen orti;
nosque et profestis lucibus et sacris (25)
inter iocosi munera Liberi
cum prole matronisque nostris
rite deos prius adprecati
virtute functos more patrum duces
Lydis remixto carmine tibiis (30)

Troiamque et Anchisen et almae

progeniem Veneris canemus.

Eu desejava cantar as guerras e as cidades (1)

conquistadas, quando Apolo tangeu a lira,

impedindo-me de navegar pelo mar

Tirreno em pequeno barco à vela. Tua era, César,

trouxe de volta as ricas searas aos campos, (5)

restituiu ao nosso Júpiter as insígnias

arrancadas dos soberbos umbrais

partas e fechou o templo de

Jano Quirino, livre de guerras.

Pôs freio na licença, que extrapolava (10)

os limites da ordem reta,

removeu os delitos e trouxe de volta as artes

dos antigos, pelas quais o nome do Lácio,

o poder da Itália, a fama e a majestade do império

estenderam-se desde o lugar onde (15)

o sol se põe até onde nasce.

Com César no comando, nem o furor

civil ou a violência, nem a ira,

que forja espadas e leva cidades à ruína,

ao semear a discórdia, (20)

irão impedir o ócio. Não irão infringir as leis júlias,

aqueles que bebem das águas do profundo

Danúbio, nem os getas, nem os seres, ou os infidos
persas, nem os que nasceram junto ao Tânaís.
Nós, em dias comuns e sagrados, (25)
entre os dons do jocoso Líber,
com nossos filhos e esposas,
tendo antes invocado os deuses segundo os ritos,
no poema, cantaremos, à maneira de nossos pais,
ao som das flautas lídias, sobre os líderes (30)
que provaram seu valor, sobre Troia, Anquises
e a progênie da Vênus nutriz.

Nessa ode, o *conuiuium* aparece como um lugar de perpetuação do legado de Augusto por meio da poesia cantada à maneira dos antigos (*more patrum ... carmine*, 29-30). A guerra civil já não era mais ameaça, e a jocosa deidade (*iocosus Liber*, 26) que preside o simpósio deixa de ser um remédio para as ansiedades sobre o futuro de Otaviano, como no epodo 9; tampouco é o herói deificado que luta, triunfa e liberta da tirania, como nas odes 1.12, 1.37 e 3.3. A ode 4.15 apresenta uma versão domesticada de Líber, que está a serviço do ócio, da paz e da abundância de uma Era de Ouro sob o comando de Augusto (*custode rerum Caesare*, 17), com o furor (*furor civilis*, 17-18) e a licença refreados (*frena licentiae*, 10).⁵⁶ Com Líber ao centro da celebração, louvores, ritos e libações serão dedicados à *gens Iulia* (e conseqüentemente a Augusto) em dias comuns e sagrados (25-32).

⁵⁶ Para os louvores a Augusto nas odes 4.5 e 4.15, cf. Thomas (2011, p. 160-161). Para as representações da *Pax Augusta* em Hor., C. 4.15, cf. Martins (2011, p. 139-145). Para *frena licentia* como restrição da liberdade política em Hor., C. 4.15.10, cf. Thomas (2011, p. 265). Para *licentia* e guerra civil, cf. Hor., C. 3.24.28-29. Para *licentia e libertas* na política, cf. Cic., *Rep.* 1.68.

A menção à poesia cantada ao som da lira nos banquetes em homenagem aos homens de valor (29-30) é uma referência à poesia convivial arcaica. Os poetas augustanos retomam as noções de Cícero e Catão sobre os assim chamados *carmina convivialia*, associando a noção grega de herói deificado (Líber, Hércules, Rômulo e outros) com o louvor aos benfeitores romanos e a Augusto.⁵⁷ Stephen Harrison (2007, p. 204-205) nota que a ode 4.15.4-24 descreve as vitórias da paz em termos que lembram o encômio lírico do *Carmen Saeculare*, além de ecoar elementos da *Eneida* (1.293-294; 8.721-728). Do mesmo modo, a ode 4.5 dá enfoque às celebrações da paz e aos ritos e libações oferecidos ao *numen* de Augusto em banquetes públicos e privados, honras que são comparadas àquelas dedicadas aos heróis deificados, como os Dióscuros e Hércules. Embora compare Augusto a esses heróis, Horácio se limita a mencionar os louvores ao seu *numen* (4.5.35), evitando assim soar contrário aos velhos costumes republicanos, em que a honra da divinização somente deveria ser concedida aos benfeitores após a morte. Quando há menção à deificação, como na ode 3.5.2-3, ela é colocada no futuro: *praesens divus habebitur Augustus* (Augusto será considerado um deus presente).

Conclusão

São claras as transformações no tratamento da figura de Baco em associação aos líderes romanos ao longo dos livros de *Epodos* e *Odes*. Nos *Epodos* e nos três primeiros livros de *Odes*, motivos dionisíacos de triunfo e apoteose são associados à *persona* de Otaviano/Augusto, incluído com destaque no catálogo dos benfeitores romanos, enquanto Marco Antônio e Cleópatra são vituperados. Horácio faz do simpósio um lugar adequado para cantar sobre Augusto e para dividir, com Mecenas, as preocupações e alegrias da vida pública e privada, desfrutando do ócio e da *amicitia*. Enquanto no epodo 9 Lieu ajuda afastar as preocupações com a guerra civil, na ode 1.37 o

⁵⁷ Sobre os *carmina convivialia*: Cic., *Brut.* 75.1-5; *Tusc.* 1.3.10-13; Val. Max. 2.1.10; Varro, *D. V. P. R.* 84.1-3.

cenário e a ocasião são propícios para a celebração do triunfo de Otaviano como libertador da República contra Marco Antônio e Cleópatra, que personificam os aspectos mais obscuros de Dioniso.

No quarto livro das *Odes*, publicado dez anos mais tarde que os demais, Baco apresenta outras funções. Com o fim da guerra civil, passa a presidir as comemorações da *pax* e do legado de Augusto. Ele permanece como divindade simpótica, mas perde destaque como patrono da poesia, papel assumido por Apolo (odes 4.6 e 4.15), que determina que os temas da poesia no simpósio sejam as comemorações da *pax* augustana em uma nova Era de Ouro. Em tempos de paz, o jocoso deus (*iocosus Liber/Lyaeus*) não precisa mais pegar em armas, tornando-se uma figura doméstica e pacífica, dedicada à *pax* e às famílias romanas, que nos banquetes desempenham ritos de acordo com os antigos costumes. O *iocus* simpótico, nessas novas circunstâncias, parece suavizar-se em relação aos livros anteriores, uma vez que não está associado ao sexo ou à bebedeira com os *sodales* preocupados com questões políticas e bélicas, mas a serviço de celebrações familiares, em que a *licentia* báquica está refreada sob o comando de Augusto.

Bibliografia

BATINSKI, E. E. (1991). "Horace's Rehabilitation of Bacchus". *The Classical World*, Vol. 84, No. 5, p. 361-378.

BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. (1996). *Religions of Rome. Vols 1 and 2*. Cambridge, Cambridge University Press.

BRINK, C.O. (2011). *Horace on Poetry. Epistles Book II. The Letters to Augustus and Florus*. Cambridge, Cambridge University Press.

CASTRIOTA, D. (1995). *The Ara Pacis Augustae and the imagery of abundance in later Greek and early Roman imperial art*. Princeton, Princeton University Press.

CLAUSEN, W. (1994). *A Commentary on Virgil, Eclogues*. Oxford, Oxford University Press.

COLEMAN, R. (ed.) (1977). *Vergil. Eclogues*. Cambridge, Cambridge University Press.

CUCCHIARELLI, A. (2012). *Publio Virgilio Marone. Le Bucoliche. Introduzione e commento di Andrea Cucchiarelli. Traduzione di Alfonso Traina*. Roma, Carocci Editore.

CUCCHIARELLI, A. (2011a). “Virgilio e l’invenzione dell’‘età augustea’”. *Modelli divini e linguaggio politico dalle Bucoliche alle Georgiche*. *LEXIS. Poetica, retorica e comunicazione nella tradizione classica*, vol. 29, p. 229-274.

CUCCHIARELLI, A. (2011b). “Ivy and Laurel: Divine Models in Virgil’s Bucolics”. *Harvard Studies in Classical Philology*, 106, p. 155-178.

GIUSTI, E. (2016). “Dithyrambic Iambics: Epode 9 and its General(s’) Confusion”. In: BATHER, P.; STOCKS, C. (eds.). *Horace Epodes: Contexts, Intertexts, and Reception*. Oxford, Oxford University Press, p. 131-51.

FABRE-SERRIS, J. (2009). “Figures romaines de Dionysos à la fin du I siècle av. J.-C.”. *Images of the Pagan Gods. Warburg Institute Colloquia*, 14, p. 281-296.

FANTHAM, E. (2005). “Liberty and the People in Republican Rome”. *Transactions of the American Philological Association*, Vol. 135, No. 2, p. 209-229.

FELDHERR, A. (2010). “Dionysiac Poetics and the Memory of Civil War in Horace’s Cleopatra Ode”. In: BREED, B. W.; DAMON, C.; ROSSI, A. (eds.). *Citizens of Discord. Rome and Its Civil Wars*. Oxford: Oxford University Press, p. 223-232.

FISHWICK, D. (1969). “Genius and Numen”. *The Harvard Theological Review*, vol. 63, n. 3, p. 356-67.

HARRISON, S. J. (2007). *Generic Enrichment in Vergil and Horace*. Oxford, Oxford University Press.

HARRISON, S. J. (2019). “Horace’s Hymn to Bacchus (*Odes* 2.19): poetics and politics”. In: MARTINS, P.; HASEGAWA, A. P.; OLIVA NETO, J. A. (eds.). *Augustan Poetry. New Trends and Revaluations*. São Paulo, Humanitas, p. 231-242.

HARRISON, S. J. (ed.) (2017). *Horace. Odes Book II*. Cambridge, Cambridge University Press.

- HORNSBY, R. A. (1962). "Horace on Art and Politics (Ode 3.4)". *The Classical Journal*, Vol. 58, No. 3, p. 97-104.
- HUNTER, R. (2006). *The Shadow of Callimachus*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LOWRIE, M. (1997). *Horace's Narrative Odes*. Oxford, Clarendon Press.
- MAC GÓRÁIN, F. (2014). "Apollo and Dionysus in Virgil". *Incontri di Filologia Classica* 12 (2012-2013), p. 191-238.
- MAC GÓRÁIN, F. "Virgil's Bacchus and the Roman Republic". In: NELIS, D.; FARRELL, J. (eds.). (2013). *Augustan Poetry and the Roman Republic*. Oxford, Oxford University Press, p. 124-145.
- MARTINS, P. (2021). *A Representação e seus Limites. Pictura loquens, Poesis tacens*. São Paulo, Edusp.
- MARTINS, P. (2017). "Augusto como Mercúrio Enfim". *Revista de História da Usp*, 176, p. 1-43.
- MARTINS, P. (2011). *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo, Edusp.
- MAYOR, J. B.; SWAINSON, J. H. (eds.) (2010). *Cicero, De Natura Deorum Libri Tres. With Introduction and Commentary. Vol. 2*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MILLER, J. F. (2009). *Apollo, Augustus and the Poets*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MILLER, J. F. (1998). "Horace's Pindaric Apollo (Odes 3.4.60-4)". *The Classical Quarterly*, Vol. 48, n. 2, p. 545-552.
- OLIENSIS, E. (1998). *Horace and the Rhetoric of Authority*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SAURON, G. (2013). *Augusto e Virgilio. La rivoluzione artistica dell'Occidente e l'ara Pacis*. Milano, Jaca Book.
- SCOTT, K. (1929). "Octavian's Propaganda and Antony's *De Sua Ebrietate*". *Classical Philology*, Vol. 24, n. 2, p. 133-141.
- SCOTT, K. (1941). "The Sidus Iulium and the Apotheosis of Caesar". *Classical Philology*, Vol. 36, No. 3, p. 257-272.

SEAFORD, R. (2011). *Euripides Bacchae*. With an introduction and translation by Richard Seaford. Oxford, Oxbow Books.

SERIGNOLLI, L. (2019). “Bacchus, Augustus and the poet in Horace *Odes* 3.25”. In: MARTINS, P.; HASEGAWA, A. P.; OLIVA NETO, J. A. (eds.). *Augustan Poetry. New Trends and Revaluations*. São Paulo, Humanitas, p. 275-306.

SLATER, W. J. (1976). “Symposium at Sea”. *Harvard Studies in Classical Philology*. Vol. 80, p. 161-170.

STEVENS, J. A. (1999). “Seneca and Horace: Allegorical Technique in Two Odes to Bacchus (Hor. "Carm." 2.19 and Sen. "Oed." 403-508)”. *Phoenix*, Vol. 53, No. 3/4, p. 281-307.

TAYLOR, L. R. (1975). *The divinity of the Roman Emperor*. Philadelphia, Porcupine Press.

TAYLOR, L. R. (1920). “The Worship of Augustus in Italy During his Lifetime”. *TPAPhA*, vol. 51, p. 116-133.

THOMAS, R. F. (ed.) (2011). *Horace. Odes, Book IV and Carmen Saeculare*. Cambridge, Cambridge University Press.

WISEMAN, T. P. (2008). *Unwritten Rome*. Liverpool, Liverpool University Press.

WISEMAN, T. P. (1998). *Roman Drama and Roman History*. Exeter, University of Exeter Press.

WYLER, S. (2008). “Réhabilitation de *Liber*: ambiguïtés de la condamnation des images dionysiaques, de l'affaire des Bacchanales à Actium”. In: BENOIST, S; DAGUET-GAGEY, A. (eds.). *Un discours en images de la condamnation de mémoire*. Metz, Centre Régional Universitaire Lorrain d'Histoire, p. 229-244.

ZANKER, P. (1988). *The Power of Images in the Age of Augustus*. Translated by Alan Shapiro. Ann Arbor, The University of Michigan Press.

Submetido em 06/02/2023 e aprovado para publicação em 03/05/2023



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.
